

O que fica na memória

Para o psicólogo e doutor em psicologia Vladimir Melo, as memórias afetivas não surgem de forma isolada ou fragmentada, mas se constroem a partir das experiências que deixam marcas ao longo da vida. “Elas são criadas a partir de associações relevantes na nossa história de vida. Todas as experiências que exercem impacto deixam uma trilha, que são retomadas futuramente. Nossos afetos não são fragmentados; pelo contrário, há uma continuidade naquilo que sentimos”, explica.

Essa continuidade ajuda a entender por que heranças que não envolvem dinheiro costumam ser tão emocionalmente marcantes. Segundo o especialista, os afetos fazem parte da forma como cada indivíduo percebe o mundo e se relaciona com ele. “Como os afetos fazem parte da nossa subjetividade, estão ligados a como percebemos o mundo. As heranças que não envolvem dinheiro podem estar vinculadas a memórias marcantes de uma determinada pessoa ou de situações que exercem grande influência na forma como nos relacionamos. Por isso, tornam-se simbólicas e carregam muitos significados afetivos.”

Em momentos de perda, esses objetos herdados podem intensificar o luto, mas isso não significa algo negativo, muito pelo contrário. “Podem intensificar, mas isso é importante para a elaboração do luto, já que conseguimos vivenciá-lo com mais intensidade”, afirma Vladimir. Para ele, a herança atua como um elemento organizador da memória. “Os objetos de uma herança são também objetos de uma história compartilhada e nos remetem a experiências significativas em geral. Toda homenagem, como a ideia de um museu, é formada por objetos de valor subjetivo e que constituem uma narrativa histórica.”

Nesse sentido, o luto não está associado ao esquecimento, mas à construção de uma memória estruturada. “O luto bem elaborado não tem relação com o esquecimento, mas com uma memória estruturada, e a herança é uma forma de organizá-lo”, reforça



Fernanda Torino e a avó Maria

o psicólogo. Quando a herança envolve algo vivo, como um animal de estimação, esse impacto emocional pode ser ainda mais complexo.

“Ter um animal é uma forma de aliviar o individualismo em que vivemos, pois com ele podemos interagir e trocar afetos. Se esse pet foi herança familiar ou de um relacionamento, a questão do pertencimento também agrega valor à experiência. É um animal que fará parte de fotos e de histórias familiares”, explica Vladimir.

Independentemente da forma que assumam, os objetos herdados funcionam como pontes entre quem ficou e quem partiu. “Eles não podem ser separados das pessoas. As memórias são fortalecidas por detalhes, características e os objetos materializam esse processo. Por meio deles, estamos protegidos do esquecimento e vamos lembrar com frequência do que está

associado a cada objeto. Todos os rituais, como os religiosos, têm seus objetos e são formas de recontar e lembrar uma história”, destaca.

Marco emocional

Essa dimensão simbólica se materializa de forma intensa na história de Maria do Socorro Couto, de 67 anos. Vendedora, ela herdou uma Bíblia da sogra, dona Maria Rita, um objeto que se tornou um marco afetivo, espiritual e existencial em sua trajetória. “Nunca pensei em receber esse tipo de herança, mas foi por escolha minha e meu sentimento foi de amor, de gratidão, porque eu sabia o quanto aquilo era importante”, relata.

Para Maria do Socorro, a Bíblia está diretamente ligada à memória da sogra e à forma como ela vivia sua fé. “Eu via minha sogra com a Bíblia nas mãos, sempre com muita alegria e respeito, e eu sabia que